

# Bioética - ponto de vista

Bioethics - a point of view

Bioética - punto de vista

William Saad Hossne\*

## Bioética - ponto de vista

Nesta edição de *Bioethikos*, lançamos a seção Bioética - ponto de vista, que será apresentada alternadamente com a seção Bioética, e agora o que fazer?

O novo espaço destina-se à publicação de pequeno ensaio reflexivo, expressando o ponto de vista do autor sobre determinada questão ou tópico de Bioética.

Para esta primeira apresentação, o espaço é ocupado pela Coordenação do Programa de Mestrado *stricto sensu* em Bioética do Centro Universitário São Camilo no desenvolvimento de tópicos temáticos, como: I. Bioética e Bioeticista; II. O Bioeticista; III. Bioética?; IV. Bioeticista - Quem?

Fica aberta aos pesquisadores da área Bioética e afins a possibilidade de apresentar reflexões sobre tema de livre escolha.

## I. BIOÉTICA E BIOETICISTA

O ser humano, quando confrontado com situações de angústia ainda não devidamente elaboradas, não raramente cria palavras novas, como válvula de escape. Surgem, assim, alguns neologismos para traduzir situações novas ainda não bem caracterizadas, mas que insistem em marcar presença e, mais do que isso, exigem algum tipo de resposta. Resposta que ainda não pode ser dada, nem mesmo equacionada. Esta angústia de ter que responder sem se ter ainda condições para tanto, pode atingir níveis extremos, quase insuportáveis e, assim, à guisa de resposta, cria-se, então o neologismo.

Creio que, em parte, esta foi a gênese da palavra Bioética, criada há pouco mais de 30 anos. Os desafios éticos trazidos pela Revolução Molecular não podiam, ainda, ser devidamente caracterizados nem, portanto, equacionados. Mas eles existiam, faziam questão de

aparecer, não podiam ser ignorados e exigiam reflexão e respostas. Naquele momento, a solução foi o apelo ao neologismo. Nasceu o vocábulo Bioética que só recentemente foi consignado nos dicionários brasileiros.

Na maioria das vezes consegue-se até mesmo datar a época de nascimento do neologismo, mas quase nunca se pode prever seu futuro.

As palavras têm seu próprio destino; algumas fenecem em pouco tempo, outras adquirem significado diverso e até mesmo oposto àquele que levou à sua criação, outras se desenvolvem, vão construindo uma personalidade própria, deixando de ser mero vocábulo, para tornar-se "donas" de um espaço próprio dentro da cultura humana.

Nesses casos, transcendem idiomas, países e espaços, tornando-se universais e, por isso mesmo correm o risco de vir a ter diferentes e diversas acepções e ou significados.

Essa universalidade pode embutir grave risco: o da vulgarização e ou banalização do vocábulo. Por "modismo" o neologismo corre o risco de se "esvaziar", virar rótulo para diferentes coisas, e inclusive servir de instrumento a fins totalmente diversos àqueles que levaram à sua criação.

Com a "Bioética" ocorreu a universalização, felizmente, com a consolidação de um corpo conceitual e de doutrina que lhe dá um espaço próprio dentro das áreas do conhecimento, e até mesmo dentro da ética. Bioética não é mais apenas um neologismo.

Contudo, não obstante esta consolidação, a Bioética está correndo o risco da banalização, do desvirtuamento e até da sua instrumentalização para outros fins, inclusive de ordem ideológica alheia à ética.

Vários fatores podem contribuir para isso. Há riscos, digamos, de ordem "externa", suscitados por aqueles que se sentem incomodados pela penetração da ética, a partir

\* Médico. Professor emérito da UNESP, Botucatu. Docente e Coordenador do Programa de mestrado em Bioética do Centro Universitário São Camilo.

da bioética em seus campos de atividade. São aqueles para quem a ética é um "entrave" a seus interesses pessoais.

Mas há riscos "internos" e um deles, paradoxalmente, pode advir daqueles que se consideram como atuantes ou cultores da Bioética, e aí surge mais um neologismo "bioeticista".

Existe o bioeticista? O que é bioeticista? Quem é bioeticista? Quem pode vir a ser? O que faz alguém ser bioeticista? O que faz o bioeticista?

Paradoxalmente, o "risco interno" pode advir de alguns auto denominados "bioeticistas". Sob este rótulo ou manto, por despreparo (em qualquer sentido), por vaidade, por modismo, por incompetência ou de qualquer outra forma, "bioeticistas" podem até mesmo involuntariamente ou mesmo sem ter consciência do fato, deturpar, banalizar e até mesmo desprestigiar a bioética.

Revestidos de "autoridade" podem, o que é mais sério, levar a serem aceitas ou toleradas proposições equivocadas; afinal, trata-se, para os outros, da opinião de um "bioeticista".

Com isso não se está negando a figura do bioeticista. Pelo contrário, sem o "bioeticista" a Bioética não se mantém. É tal a importância do bioeticista que, por isso mesmo, precisa ser analisada, definida (se possível) e cultivada de forma eticamente adequada.

Creio que estamos vivendo, no mundo todo, uma fase decisiva para o futuro (novo nascer) da Bioética. Impõe-se, até mesmo, uma reflexão profunda não só sobre o Bioeticista, mas uma revisita conceitual e doutrinária à Bioética.

De um lado é auspicioso assinalar o extraordinário crescimento da Bioética, que vem ocupando, cada vez mais, maiores espaços nas atividades humanas. É também auspicioso constatar a "liberdade" com que ocorreu tal crescimento: o neologismo foi adquirindo diversos significados, incorporando conceitos, idéias, proposições, à medida que ocorreu o crescimento.

Nasceu a Bioética como neologismo, cresceu sem ter passado por questionamentos mais profundos de natureza conceitual e até mesmo sem definição do que vem a ser Bioética.

Rápido olhar sobre os diversos livros de texto de Bioética, evidencia um fato: seus autores não apresentam uma definição ou mesmo caracterização do que vem a ser Bioética. Os livros incluem diversos capítulos sobre diversos tópicos de Bioética sem se posicionar sobre o

que entendem por Bioética e isso ocorre em livros básicos, em capítulos gerais de introdução à Bioética.

Esses comentários não têm o sentido de crítica, mas tão somente, o da constatação de um fato: a Bioética nasceu sem definição. Não considero este fato como negativo, creio que até mesmo foi positivo, permitindo a liberdade de crescimento já referida.

A Bioética cresceu sem "amarras". Agora, adulta, está a marcar presença definitiva nas atividades humanas, exigindo que dela se tome conhecimento como área de conhecimento. A Bioética está a exigir uma reflexão mais profunda sobre seu significado, seu corpo de doutrina, sem "amarras", sim, mas dando-lhe condições de maturidade para continuar a buscar seu futuro, sem correr os riscos de ser destruída, por fatores externos ou internos.

A meu ver, um primeiro passo é a busca, não necessariamente de uma definição, mas de uma afirmação das características da Bioética. Isso se torna indispensável para a consolidação do espaço próprio da Bioética, deixando claro que partes dela (por exemplo, ética biomédica, biodireito) não podem ser tomadas pelo todo.

É o momento de retornar à pergunta que fizemos há 30 anos: o que é Bioética? Naquele momento não tínhamos condições nem de saber se ela deveria existir, como área específica, nossas dúvidas eram de outro tipo.

Hoje, reconhecemos, defendemos e louvamos a Bioética, mas temos a responsabilidade de dar-lhe o devido suporte para que seu crescimento continue a ocorrer, com liberdade e segurança, evitando eventuais desvirtuamentos e ou trajetórias espúrias e, sobretudo, sua instrumentalização para fins e objetivos não condizentes com a ética.

Esta tomada de decisão se torna ainda mais necessária à medida que surgem os bioeticistas.

Existe o bioeticista? Deve existir? O que é ser bioeticista? Quem é bioeticista? Quem pode vir a ser? O que faz alguém ser bioeticista? O que faz o bioeticista, como se reconhece o bioeticista? Quem (e como) lhe dá a condição de ser bioeticista?

Supõe-se, antes de qualquer coisa, que só pode existir bioeticista se existir Bioética e que o Bioeticista deve atuar em função da Bioética.

Existe a Bioética como área específica de conhecimento? Em outras palavras, a Bioética merece ser considerada como área de conhecimento? Há elementos suficientes para lhe dar espaço próprio, autônomo, com vida própria,

independente da ética, embora interrelacionada intimamente à ela?

É justamente essa avaliação que se considera necessária para o desenvolvimento futuro da Bioética; essa avaliação, forçosamente, levará à discussão da caracterização da Bioética, e se tais características são suficientes (ou não) para dar espaço próprio à Bioética.

Assim, antes de tentar responder à indagação: Bioeticista?, deve-se tentar responder à seguinte indagação:

- Deve existir Bioética como área de conhecimento? Suas características suportam tal posição?

Já nos adiantamos dizendo que sim. Isso não impede, pelo contrário, reforça, a necessidade dessa discussão, sobretudo com o objetivo de caracterizar, além da Bioética, o bioeticista.

## II. O BIOETICISTA

Em publicação anterior (Bioética e Bioeticista) indagávamos se a Bioética deve existir como área de conhecimento específica dentro da ética.

Parece ter chegado o tempo de discutir e refletir sobre o tema.

Porque discutir o tema?

Por várias razões, dentre as quais gostaria de destacar as seguintes:

- Afirmar e consolidar a figura do bioeticista pode significar o reconhecimento definitivo e a consolidação da Bioética como área específica e de personalidade própria no campo do conhecimento humano.

- Por outro lado, a falta de caracterização ou a caracterização imperfeita da figura do "bioeticista" (hoje qualquer um pode se autodeclarar bioeticista), pode em sentido oposto, levar à descaracterização e ao esvaziamento espúrio da Bioética como área do conhecimento.

A louvável, rápida e crescente difusão da Bioética pode ensejar o surgimento de "pára-quedaistas", figuras que não se "encontraram" e, sobretudo, não se "realizaram" em algum campo (sobretudo profissional) e que buscam guarida em áreas novas, objetivando "ocupar espaço novo", escondendo suas próprias mediocridades e deficiências; e assim, podem contribuir para a banalização e esvaziamento da Bioética.

Em geral, quando se propõe qualquer questão espera-se ter uma resposta tanto quanto possível completa. Assim, quando se coloca a indagação "Bioeticista?

Quem? parece, em princípio, razoável exigir-se do proponente uma solução definitiva e uma resposta completa sobre quem é(o) bioeticista.

Ocorre que nem sempre as indagações propostas levam o proponente a realizar tal tarefa e isso por duas razões básicas: ou o proponente não tem condições e competência para tal ou ainda não é possível ter-se a resposta adequada ou completa.

No caso presente, sem dúvida, a primeira razão é a preponderante; todavia, a 2ª razão também existe e espero que atenuar a incapacidade do proponente.

Isso, porém, não significa que a indagação não deva ser feita e, principalmente, submetida a discussão de outros mais capacitados.

A meu ver, é nessa fase que nos encontramos - é importante reconhecer o fato.

Busco atenuante para minha insuficiência em uma frase de Julien /Benda que, ao se referir a Kant, disse: *"No que se refere à natureza do saber, a importância de Kant reside menos no resultado dos seus estudos, por mais importantes que possam ser, do que no fato de haver ele proposto o assunto"*.

Se o grande Kant teve "atenuante", espero que a ousadia da minha indagação também, seja "tolerada".

Creio que um dos pontos de partida em busca de resposta, seja tentar responder preliminarmente à seguinte pergunta

Que tipo de atividade exerce o bioeticista?

Todas as atividades humanas se exercem em compartilhamento - não existe nenhuma atividade que não esteja relacionada com o outro. Sempre há um outro.

Até mesmo o ermitão, completamente isolado, pensa e quando pensa, além dele existir (como queria Descartes no séc. XVI), faz existir o outro.

No mínimo, o ermitão por mais isolado que esteja e qualquer que seja sua atividade, teve pai e mãe - sempre existe, pois, um outro e tudo que se faz, atinge o outro. Está aí a história do bater da asa da borboleta e o caos.

E, ao que tudo indica, a borboleta nem pensa, pelo menos, ao que parece não pensa como os seres humanos. Existem atividades humanas que podem ser exercidas em caráter individual ou em caráter coletivo, de conjunto.

Assim, um violinista pode atuar como solista ou como um dos componentes de uma orquestra. Um atleta pode ser um ginasta solo ou um membro de uma equipe de esporte coletivo.

No caso da Bioética, ela é área multi e transdisciplinar e,

por isso, em sentido amplo, é uma atividade de "conjunto".

Ainda que o bioeticista pense estar atuando isoladamente, na realidade ele está atuando em sintonia ou não, com um "conjunto", ao menos um conjunto de disciplinas e de visões de outros atores.

Dito de outra forma, o bioeticista, para existir, necessita que existam outros bioeticistas. Isso pode ser verdadeiro, talvez, para tudo - no caso da Bioética não existe, neste aspecto, o talvez.

Nenhum bioeticista é isoladamente completo, por si mesmo, por maior que seja seu virtuosismo como solista. Sempre deverá levar em conta o outro.

Como já referido, o ser humano em certas situações "angustiantes" quando não tem resposta definitiva para suas interrogações, procura saída na criação de um neologismo.

Da mesma forma quando se confronta com a necessidade de caracterizar ou definir certas situações e não consegue solução a contento, apela para situações análogas ou semelhantes, utilizando-se de metáforas.

Aliás, está tão comum políticos, economistas, cientistas sociais utilizarem tal recurso, apelando para a medicina: "é um abscesso que precisa ser aberto" "é um câncer que precisa ser extirpado" "é um caso para UTI" - "é preciso interromper esta sangria" - "não basta dar analgésicos", etc. etc.

No caso das atividades do bioeticista, permito-me empregar esse tipo de recurso, porém, em outra área, não médica.

O bioeticista, quando avalia qualquer questão da bioética, ele atua como advogado da acusação, advogado de defesa, juiz, jurista, e ou jurado?

Ele leva em conta a posição da vítima e ou do réu?

Ou ele é um perito? Ou um assessor? Perito ou assessor do que e de quem?

Creio que não se deve procurar dar ao bioeticista, metaforicamente, qualquer um dos papéis, em caráter exclusivo ou até mesmo preponderante. Ele pode atuar em qualquer um dos papéis descritos, depende. O importante aqui é o "depende".

Este é o papel do bioeticista - identificar o "depende", e ai permitir o equacionamento eticamente adequado, pondo em jogo toda sua competência, capacidade, saber, conhecimento, compreensão e, sobretudo, sua crítica fundamentada no interesse do outro e de outrem. Para o exercício da bioética são indispensáveis a meu ver, alguns pressupostos:

- liberdade, é incompatível com a reflexão ética qualquer mecanismo que possa limitar a liberdade.

Liberdade para que?

Para a devida opção de valores, freqüentemente, em conflito.

- como..., a bioética não pode aceitar qualquer mecanismo, processo ou ato de coerção, de coação, de falsidade, de fraude.

- ausência, tanto quanto for humanamente possível, de pré conceito, antes da reflexão e ou juízo crítico objetivando levar à opção de valor.

- humildade, sempre, para respeitar o "outro" e suas posições, opiniões, na discussão ética.

- grandeza para alterar a opção caso ela se mostre equivocada, inadequada ou menor adequada.

Este processo nos leva a opor em jogo nosso patrimônio genético, nossa racionalidade, novas emoções, nos levando ao "mergulho" dentro de cada um de nós.

### III. BIOÉTICA?

O que é bioética?

Dadas as dificuldades de se definir bioética, no momento, mais vale procurar caracterizar o que se entende por bioética. Dito de outra forma, quais as principais características da bioética e se essas características são suficientemente robustas para dar-lhe o espaço próprio, com o nome de Bioética, no cenário das atividades humanas.

Assim, procurarei assinalar as principais características da bioética (tal como entendo hoje) e ao mesmo tempo avaliar o peso dessas características no sentido de assegurar espaço próprio à Bioética.

A primeira característica é o campo de atuação da bioética: ela é a ética das (e nas) ciências da vida, da saúde e do meio ambiente. Trata-se de um campo bastante abrangente. Contudo, é ele elemento suficientemente forte para sustentar a Bioética como área própria, embora dentro da ética?

Creio que, isoladamente, esta característica *de per se*, no momento, não justificaria espaço próprio. Sem dúvida, porém, trata-se de elemento de peso o qual aliado a outras características pode dar apoio à criação de espaço próprio.

A outra característica, esta de ordem digamos estru-

tural (ou seja de essência) é a da multi e transdisciplinaridade, exigência pluralista da natureza bioética. A reflexão bioética exige, não só multidisciplinaridade (vale dizer a participação de outras áreas do conhecimento além da ética) como também, sobretudo, a transdisciplinaridade, isto é a incorporação da visão ética de uma disciplina nas outras e vice versa). Sem a multi e a transdisciplinaridade, não existe a bioética. Assim, por exemplo, a discussão de aspectos éticos do abortamento, desenvolvida exclusivamente por médicos não pode ser considerada como sendo de bioética; para que isso ocorra, é indispensável a discussão da questão com outros setores do conhecimento. A meu ver, essa característica da multi e da transdisciplinaridade (incluídas aí todas as áreas do conhecimento que possam estar envolvidas na temática sob análise, envolvendo disciplinas técnico científicas, exatas e humanas e/ou sociais) é suficientemente forte para o reconhecimento da Bioética como merecedora de espaço próprio dentro da ética.

Intimamente ligada a essa característica, surge outra, também de essência da bioética: a necessária participação de todos os atores e agentes da sociedade que possam estar envolvidos na questão ética em discussão. Assim, por exemplo, na discussão bioética da relação médico paciente, não basta a reflexão apenas dos médicos (como corre na ética médica); há que haver participação efetiva de outros setores da sociedade, a começar do próprio paciente. Essa característica, a meu ver, contribui fortemente para dar especificidade à Bioética.

No exemplo acima citado, os atores que possam participar da avaliação bioética, podem como, por exemplo, o paciente, serem considerados bioeticistas? Isto é, atuar na discussão bioética é condição suficiente para ser considerado bioeticista? Atuar "deve ser condição necessária, mas não suficiente, para alguém ser considerado bioeticista. Participar da discussão de uma questão de bioética, não faz alguém ser bioeticista. Falta responder, então, o que é que faz alguém ser bioeticista, tentarei responder ao restante da indagação em outro momento.

Ainda dentro do campo, digamos estrutural ou de essência de Bioética, outra característica importante diz respeito à necessidade da avaliação interface entre os campos das ciências da vida, de saúde e do meio ambiente. Assim, na reflexão bioética, ao se avaliar uma questão da área da saúde, por exemplo, impõe-se também (além da multi e da transdisciplinaridade), a avalia-

ção de como a opção tomada neste campo, pode interagir com os outros dois campos (ciências de vida e do meio ambiente) e vice-versa. Essa característica, a meu ver, tem grande peso para suportar a concessão de espaço próprio à bioética.

Outra característica importante da bioética é de natureza consequencialista. À especificidade do campo de atuação, soma-se a relevância das conseqüências das opções bioéticas, seja sobre o ser humano individualmente seja sobre toda humanidade e seu mundo.

Vale lembrar que o neologismo bioética surgiu exatamente a partir da tomada de consciência dos riscos para a humanidade decorrentes do mau uso dos avanços da revolução da biologia molecular, o que demonstra a importância das opções éticas nos campos de saúde, da vida e do meio ambiente.

Já foi dito que o campo de atuação da bioética representa um forte suporte para dar especificidade à bioética. Da mesma forma, esta característica consequencialista também representa robusto pilar para conceder à bioética espaço próprio.

Creio que as características até aqui apresentadas justificam plenamente o reconhecimento de Bioética como área específica (e conseqüente espaço e reconhecimento dentro do campo da ética).

O adequado exercício da Bioética, tal como caracterizada até aqui, pressupõe alguns requisitos que devem ser observados. O primeiro deles diz respeito à liberdade de atuação. Se a reflexão bioética busca equacionar valores, freqüentemente em conflito, implicando em opção, segue-se que deve haver liberdade para opção com a assunção da devida responsabilidade, como já assinalado em publicação anterior (Bioética e Bioeticista).

Fazer opção é quase sempre "angustiante" para o ser humano a tal ponto que, às vezes, em certas circunstâncias, o ser humano, por mais paradoxal que possa parecer, prefere que não haja opção ou que a opção seja feita pelo outro (aí nem eventual sentimento de culpa poderá vir a sofrer).

Essa angústia de opção suscitada pela bioética não deve ser camuflada ou escamoteada; pelo contrário, deve ser trabalhada e elaborada. A elaboração dessa angústia levará inevitavelmente, cada um de nós a se "rever" constantemente, avaliando e cotejando valores. Não se deve fugir à essa angústia; paradoxalmente, o ser humano luta pela liberdade mas é capaz, para fugir à angústia, abrir mão da liberdade.

Assim, por exemplo, ao discutir com os alunos a questão do abortamento à luz da bioética, alguns deles, angustiados, fogem à reflexão e ao juízo crítico, remetendo tudo para o que diz a lei ou os códigos de deontologia. Obviamente que as leis e os códigos devam ser considerados, mas eles não devem impedir a livre avaliação sobre a questão. É também óbvio que ao se proceder à avaliação de qualquer dilema ético com a consequente opção, cada um de nós vai por em jogo sua racionalidade, sua constituição genética, mas também suas emoções e, certamente, levar-se-á em conta os valores morais a que estamos vinculados.

Este mergulho interior, suscitado pela angústia da opção, poderá nos fazer emergir com algo a mais, levando conseqüentemente à nossa própria "revisão".

Em suma, bioética implica em reflexão e/ou juízo crítico sobre valores geralmente em conflitos, levando à opção de valor. Por isso exige como pré requisito a liberdade, liberdade para quê? Para se poder fazer a opção.

Mas este requisito da liberdade se acompanha de outros requisitos.

Um deles é o não preconceito. Ao se proceder à reflexão bioética, é indispensável que cada um de nós, antes da opção, se dispa tanto quanto for humanamente possível de qualquer tipo de preconceito, de conceito já formado a priori, antes de refletir sobre os valores em conflito. Não é fácil, mas é extremamente salutar.

Associado ao não preconceito estão outros requisitos: não coação, não coerção, não falsidade, não sectarismo, sem o que o que a liberdade perde seu verdadeiro sentido.

O campo de atuação, aliado às características e aos requisitos já enunciados, asseguram, a meu ver, espaço próprio para a Bioética, como área específica de conhecimento dentro da Ética.

#### IV. BIOETICISTA - QUEM?

Em publicação anterior (Bioeticista) foi colocada a necessidade de se discutir o tema.

Para tanto pareceu oportuno, de início, avaliar se a Bioética, pelo seu conteúdo conceitual e doutrinário deve ter espaço próprio, como área de conhecimento e, ao mesmo tempo, reavaliar as suas características, o que foi feito em publicações anteriores (Bioética e bioeticista - Bioética?).

Podemos agora retornar às indagações a respeito de bioeticista. Para início de conversa, os dicionários brasileiros (Holanda, AB; Houaiss, A) não registram o vocábulo "bioeticista" e nem mesmo "eticista".

Procuremos compreender o vocábulo bioeticista, derivado de bioética com o sufixo ista.

De acordo com Holanda:

- ista (do grego *istés*) sufixo nominal = 1) "partidário ou sectário de doutrina, escola, seita, teoria ou princípio artístico, filosófico, político ou religioso; 2) "que pratica", 3) "ocupação", "ofício", 4) nomes gentílicos.

Com esta colocação, bioeticista poderia ser "partidário" ou "sectário" da bioética.

Como a expressão sectário, se refere a pertencente a seita e a bioética não pode ser tratada como seita, parece aconselhável excluir o termo sectário ao se falar de bioeticista. Mesmo porque, em sentido figurado, segundo Holanda, sectário pode significar "intolerante", "intransigente", o que, obviamente, não se coaduna com ética e bioética.

Parece aconselhável ficarmos com significado de "partidário".

Mas o sufixo "ista" pode estar relacionado a "ocupação", "ofício".

No momento atual, existe o ofício de bioeticista? Creio que de forma clara, como profissão regulamentada ou definida, não.

Na prática, porém, existem aqueles que têm como ocupação a bioética; alguns inclusive exercem atividades (sobretudo acadêmicas e de assessoria) em Bioética.

Fiquemos, a esta altura com a seguinte posição para bioeticista: - Bioeticista é um "partidário", Partidário do que? As opções, de acordo com o dicionário seriam: partidário de doutrina, de escola, de seita, de teoria, de princípio.

No momento atual, parece que a melhor opção é "doutrina", e portanto, o bioeticista seria um partidário de uma doutrina (ou melhor um corpo de doutrina).

Porém, doutrina de que tipo? Ainda de acordo com o dicionarista as opções são as seguintes: artística, filosófica, política, religiosa. Pela própria filiação, bioética é ética e, portanto, a opção melhor é "filosófica".

Assim, buscando uma definição com base no dicionário, o neologismo bioeticista diria respeito aquele que é partidário de um corpo de doutrina filosófica; este corpo de doutrina estaria consubstanciado nas características, já descritas, da Bioética.

Como neologismo, poder-se-ia dizer, a exemplo de outros vocábulos terminados em "ista" (eletricista, cardiologista, oftalmologista), que eticista seria o especialista em ética e bioeticista seria especialista em Bioética.

Não ser "especialista" não significa que não possa participar das atividades da ética e da bioética, já que ética atinge e envolve qualquer pessoa, leiga ou "especialista"; na Bioética, mais ainda, tendo em vista as características da Bioética.

Pode-se, pois, dizer que participar do exercício e das atividades da Bioética é certamente condição necessária, porém totalmente insuficiente para ser eticista ou bioeticista; ambos devem preencher outras condições indispensáveis para tanto.

Quais condições?

No caso da ética, supõe-se que o eticista seja um filósofo "especialista" em ética, e no caso do bioeticista? Deve ser necessariamente um eticista (filósofo) especializado em Bioética? Seria o bioeticista necessariamente um filósofo duplamente especializado em ética e em Bioética?

Se a Bioética é pluralista, multi e transdisciplinar, seria possível contar apenas com filósofos, isto é, diplomados em filosofia?

Pelas considerações até aqui feitas, sobretudo levando em conta o campo de atuação e as características da Bioética, parece inconcebível que somente Filósofo (formado em filosofia) possa vir a ser bioeticista. Cabe aqui um pequeno comentário sobre a insistência de acrescentar "filósofo formado em filosofia", vamos denominá-lo Filósofo (com F maiúsculo).

Isto porque todos nós, em sentido amplo, somos "filósofos" pois é característica do ser humano, distinguindo-o dos demais animais, formular perguntas frente à natureza e, por isso é também destino inexorável do ser humano buscar resposta às indagações. E a característica fundamental do Filósofo não é exatamente a de fazer perguntas? Equivocadamente queremos que o Filósofo sempre nos dê resposta: sua tarefa nem sempre é dar respostas e sim fomentar indagações, sem as quais não podemos chegar às melhores (ou adequadas) respostas.

O Filósofo e o filósofo fazem perguntas com o objetivo de buscar o saber como forma de sabedoria, meta almejada pelo Filósofo, nem sempre, porém, do "filósofo".

Como se chega à Bioética com vistas a tornar-se bioeticista? Pode-se partir de qualquer área do conheci-

mento desde que se tenha condições de buscar formação interdisciplinar nas áreas das ciências humanas e das ciências da saúde, da vida e/ou do meio ambiente.

Obviamente, dependendo de onde se parte, pode-se chegar mais diretamente a certos campos da Bioética. O importante é ter-se formação básica suficiente para buscar a formação interdisciplinar.

Naturalmente, dependendo do ponto de partida se desenvolverão deferentes perfis de bioeticistas. Assim, o médico ou o biólogo poderão chegar à Bioética por vias diversas daquelas dos juristas ou do filósofo e todos chegarem à Bioética com visões e perfis diferentes, o que aliás, faz parte da essência da Bioética. Para a Bioética é indispensável a visão de bioeticistas de diferentes formações, porém com um núcleo comum.

O fato, porém, de um jurista puro discutir leis sobre fenômenos das áreas cobertas pela Bioética não faz dele, só por isso, um bioeticista. Da mesma forma um geneticista avaliando reprodução assistida (como um dos temas da Bioética) não faz dele um bioeticista. É indispensável que ambos tenham desenvolvido um mínimo de suas potencialidades em formação interdisciplinar. Sendo a Bioética um campo interdisciplinar, incluindo e integrando áreas de conhecimento técnico científico (como biologia e medicina) e áreas de conhecimento humanístico e cultural (como filosofia, sociologia), cada qual, que a ela chegue, deve adquirir um núcleo básico de formação.

Não se pode admitir que seja considerado bioeticista quem, vindo das áreas técnico científicas, não tenha adquirido razoável base nas ciências humanas, em particular filosofia. O mesmo vale no sentido oposto: o humanista deve adquirir conhecimento básico (ou ter condições de aprender) na área técnico científica.

Contudo, para ser bioeticista não basta conquistar a formação interdisciplinar descritas; é indispensável que a formação obtida seja devidamente utilizada para a adequada elaboração da "angústia da opção" e isso deve ser feito obedecendo aos requisitos (já enumerados) para o adequado exercício bioético.

Considera-se como condição *sine qua non*, o caráter e o comportamento do bioeticista. Quando se fala em caráter, não se está falando em perfil de personalidade necessariamente. Está se falando em honestidade e integridade. Obviamente não está em discussão se o bom caráter é inato ou adquirido. Contudo, também obviamente, não será bioeticista o indivíduo que mente, que calunia, que

difama, maledicente e que, fugindo à verdade dos fatos, "fofoca".

Ainda que se admita que não se pode exigir de todos o "bom caráter" na acepção que cada um de nós entende por "bom caráter", deve-se exigir do bioeticista pelo menos comportamento sério, correto, honesto; em última análise, civilizado, íntegro minimamente compatível com a ética e com os bons costumes. A aplicação do conhecimento segundo conduta inadequada pode ser perigosa, sobretudo do ponto de vista ético. Mesmo porque a Bioética surgiu como um movimento contra o uso inadequado do conhecimento da Revolução Molecular.

Assim, por exemplo, exige-se do cirurgião não apenas capacidade e habilidade técnicas, mas conduta e comportamento adequados, sem o que seria temerário e arriscado dar-lhe autorização para utilizar uma arma branca, fortemente cortante, permitindo-lhe retirar órgãos e tecidos; é uma agressão canalizada, porém, por uma conduta visando o melhor para o paciente. Ter-se um "bioeticista", ainda que com boa bagagem científica, capaz de conduta e/ou comportamento eticamente inadequados, é um contra senso, carregado de riscos.

Seguindo essa linha de raciocínio, é lícito inferir que, para tornar-se bioeticista, pelo menos duas condições devem ser atendidas:

**1ª condição:** dominar conhecimentos básicos na área das humanas e sociais e das áreas biológicas; o domínio desse conhecimento deve ser da tal ordem que permita ao futuro bioeticista segura incursão nos dois campos acima referidos. Dito de outra forma o conhecimento já dominado é apenas o início e o núcleo de um processo constante de aquisição de novos conhecimentos de natureza interdisciplinar.

O futuro bioeticista deve ter, portanto, um núcleo de conhecimento capaz de crescer em várias frentes, abrindo a cada momento novos horizontes e novas perspectivas e ele, bioeticista, deve estar em condições de abrir e saber avaliar esses novos horizontes e novas perspectivas, reformulando sua própria formação, se revendo a cada momento, questionando convicções e princípios no sentido de aprimoramento.

Assim, o bioeticista, além de dominar o núcleo de conhecimento, deve ter disposição para esta "viagem", recheada de reflexões, angústias e incursões novas.

**2ª condição:** ter perfil, comportamento e atitudes compatíveis com a ética. Ao lado do caráter e da personalidade, o futuro bioeticista deve possuir e desenvolver o senso crítico, a começar pela autocrítica, a cada momento. É inadmissível,

dito de forma simples embora cruel, bioeticista de mau caráter e ou de mau comportamento do ponto de vista ético (não necessariamente moral). O mau comportamento caracterizaria uma acrasia ("o indivíduo sabe o que é o bem, é capaz de fazê-lo mas não o faz por fraqueza de vontade, como diria Platão).

A partir dessas considerações, duas perguntas se impõem em busca de resposta: Qual o processo que deve ser seguido para se preencher a primeira condição, isto é, como educar e formar ou ensinar Bioética?

Preliminarmente, torna-se necessário responder à seguinte pergunta: Pode-se ensinar Bioética? Sim e não.

Sim no sentido de dar ao futuro bioeticista informações e transmitir conhecimentos básicos nas áreas do conhecimento envolvidas no campo de atuação da Bioética. No sentido de oferecer informações, sim. Agora, no sentido de formação, o ensino é insuficiente. Neste caso, a expressão melhor seria educação, que é um compromisso de formação e não apenas de transmissão de conhecimento como ocorre no ensino. O vocábulo educação, de *ex ducere*, significa conduzir para fora e para frente, criar condições para abertura de novos horizontes. No caso de Bioética, a educação se deve fazer no sentido de capacitar o futuro bioeticista a construir seu próprio processo de formação em Bioética. A atuação em Bioética é sempre um processo em evolução. A educação deve dar os instrumentos e as condições para que o futuro bioeticista desenvolva esse processo. A educação deve, por outro lado, criar no futuro bioeticista capacidade para, não só a instalação do processo, como também capacidade de consistentemente abrir novos horizontes e "paisagens" mas com possibilidade de admirar e se enriquecer a cada "paisagem".

O ensino é apenas uma parte, digamos pragmática e conceitual, da educação. Cabem aqui novas perguntas: O que ensinar? E como educar? O que ensinar?

Vai depender da base de conhecimentos de que já dispõe o futuro bioeticista. Mas, no conjunto, é possível traçar um núcleo básico ou núcleo comum de conhecimento que cada um e todos devem dominar para iniciar o processo específico de formação em Bioética. Este núcleo comum, em linhas gerais, deverá conter disciplinas das áreas de humanas e das áreas biológicas (ciências da saúde, da vida e do meio ambiente). O conteúdo programático de todas essas disciplinas deve estar norteado com vistas à problemática de atuação da Bioética. Obviamente, como aliás convém em se tratando de Bioética, diferentes núcleos deste tipo podem ser constituídos a critério do docente responsável pelo ensino.